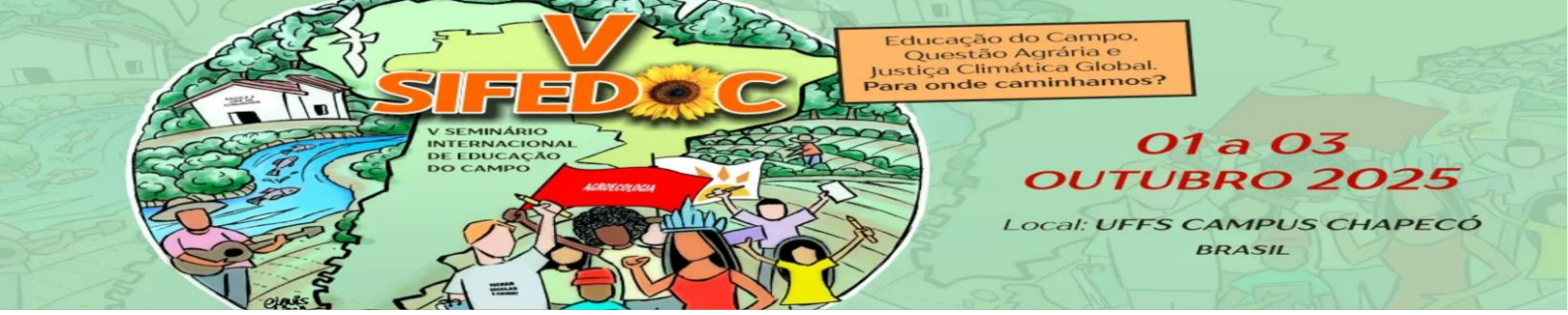


CORPOREIDADES EM MOVIMENTO: CAPOEIRA, SAMBA DE RODA E MACULELÊ NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Andréia Nunes Sá Brito[1]

Círculo de Saber: Educação para as relações étnico-raciais na Educação do Campo

Palavras-chave: Capoeira; Corporeidade; Educação do Campo

Introdução

Este trabalho apresenta o relato de experiência com a componente curricular complementar optativa (CCCG) da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Pampa, campus Dom Pedrito, intitulada "DPEC0576 - Capoeira, samba de roda e corporeidade na aplicação da Lei 10.639/03". A disciplina foi ofertada no formato de alternância pedagógica, contemplando 45 horas, sendo 30 horas no Tempo Universidade (TU) e 15 horas no Tempo Comunidade (TC).

A oferta desta componente responde à necessidade de implementar a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, a partir de uma proposta que articula corporeidade, cultura popular e formação docente. Com base em vivências corporais, leituras teóricas e elaboração de práticas pedagógicas, buscou-se contribuir para o enfrentamento do racismo e a valorização das heranças afro-brasileiras e afro-indígenas nos contextos escolares do campo.

Este resumo expandido apresenta a organização da disciplina, os referenciais teóricos mobilizados, os processos formativos e os resultados obtidos.

[1] Mestre e Doutora em Extensão Rural e Desenvolvimento, Doutora em Geografia, Especialista em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo, Engenheira Agrônoma, Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Pampa - Unipampa campus Dom Pedrito.

Referenciais Teóricos

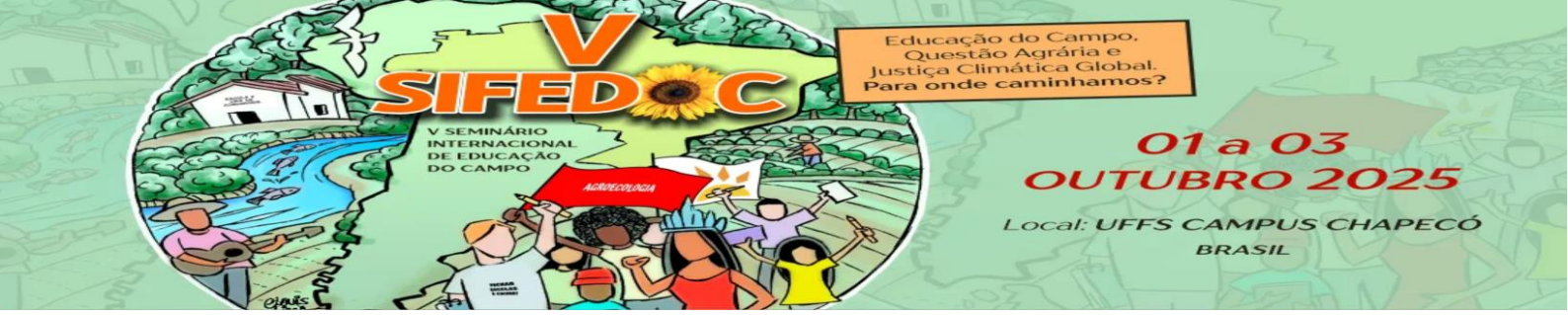
A Lei 10.639/03 alterou a LDB ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) orientam a inserção das temáticas no currículo, promovendo uma educação antirracista e valorizadora da diversidade.

A noção de corporeidade, central nesta componente curricular, é compreendida não apenas como expressão corporal, mas como forma de conhecimento, identidade e resistência (VIEIRA, 2010). As manifestações culturais como a capoeira, o samba de roda e o maculelê são analisadas como pedagogias do corpo e da ancestralidade. Pois, conforme argumenta Munanga (2013)

> A corporeidade, no contexto das culturas afro-brasileiras, não se reduz ao movimento físico ou à expressão artística. Ela traduz uma visão de mundo em que o corpo é memória viva, guardião da ancestralidade e espaço de resistência. Ao longo da história, as práticas corporais de matriz africana foram deturpadas, desvalorizadas e criminalizadas, mas nelas permanecem elementos fundamentais de identidade cultural e de pedagogia. Reconhecer essa corporeidade na educação é abrir caminho para uma aprendizagem que valorize a diversidade e enfrente os mecanismos de exclusão racial ainda presentes na sociedade. Munanga (2013, p. 218)

Carlos Eugênio Líbano Soares (2014) destaca que a capoeira, desde o período colonial, foi muito mais do que uma simples prática corporal ou luta. Ela se constituiu como linguagem social de resistência dos povos africanos escravizados e de seus descendentes, articulando música, dança, religiosidade e combate. O autor mostra que a capoeira foi criminalizada no final do século XIX e início do século XX, associada à vadiagem e à marginalidade, justamente porque carregava um potencial de organização comunitária e de afirmação identitária. Nesse sentido, a capoeira é compreendida como um sistema cultural complexo, no qual se entrelaçam corporeidade, ancestralidade e pedagogia, sendo capaz de transmitir valores de solidariedade, pertencimento e resistência.

Ao inserir esse olhar histórico e cultural, a obra de Soares reforça a importância da capoeira como prática educativa nas escolas, em especial no campo, onde os estudantes muitas vezes compartilham de histórias de resistência semelhantes.



Metodologia

A componente foi organizada em regime de alternância, com sete encontros de 4h no Tempo Universidade (30h) e uma etapa de prática autônoma no Tempo Comunidade (15h). Durante o TU, cada aula abordou um tema central articulando exposição dialogada, estudo de textos e vivências corporais. Os recursos didáticos incluíram artigos acadêmicos, documentários e músicas. As atividades práticas ocorreram em roda, respeitando os rituais de cada manifestação cultural, sejam a capoeira, o samba de roda e o maculelê. Os temas foram abordados sempre partindo das experiências e compreensões prévias dos(as) estudantes, que pertencem a comunidades quilombolas, indígenas Kaingang, assentamentos da reforma agrária e agricultura familiar. Um estudante PCD surdo participou com apoio de tradutora de LIBRAS.

A sequência de aulas e conteúdos deu-se da seguinte forma:

- *Aula 1 TU*: Apresentação da Lei 10.639/03; introdução à noção de corporeidade; vivência da roda de capoeira com formação, palmas, ladainhas e "volta ao mundo"; indicação de texto para leitura.
- *Aula 2 TU*: Discussão sobre tambor e ancestralidade; apresentação das Diretrizes Curriculares Nacionais; compreensão da relação entre samba de roda e musicalidade da capoeira; vivência de ritual do samba de roda.
- *Aula 3 TU*: Discussão sobre a marginalização histórica da capoeira; reflexão sobre a corporeidade como resistência; vivência de movimentos básicos, golpes e defesas.
- *Aula 4 TU*: Exibição de documentário sobre maculelê; discussão coletiva; vivência da ritualística e dos movimentos do maculelê.
- *Aula 5 TU*: Prática com instrumentos da capoeira: atabaque, berimbau, pandeiro e agogô; aprendizado dos toques e sua relação com a roda.
- *Aula 6 TU*: Relatos de uso da capoeira na escola; elaboração de propostas pedagógicas interdisciplinares para escolas do campo; enunciado do trabalho final: plano de aula.
- *Aula 7 TU*: Apresentação dos planos de aula e demonstração das atividades em grupo; preparação para aplicação no Tempo Comunidade.

O Tempo Comunidade consistiu na aplicação de planos de aula construídos pelos grupos durante o TU, nas escolas das comunidades de origem dos(as) estudantes, com posterior sistematização de relatos.

Resultados e Discussão

Os relatos dos(as) estudantes já durante as aulas do TU apontaram ainda reflexões sensíveis sobre suas próprias experiências corporais em sala de aula. Muitos destacaram a surpresa ao perceber que conseguiam realizar movimentos que inicialmente julgavam impossíveis, e relataram um novo olhar sobre seus corpos. A vergonha de movimentar-se foi sendo superada à medida que se retirava a objetificação e sexualização dos gestos corporais, retomando-se o contexto da brincadeira, ou "vadiagem" — momento da roda onde o jogo é expressão livre, não voltada à produção ou ao consumo, mas à convivência e à alegria. Também foi resgatado o uso de posturas ancestrais esquecidas, como o hábito de ficar de cócoras, que provocou nos(as) estudantes a lembrança de práticas comunitárias.

Alguns estudantes evangélicos relataram terem desmistificado a relação entre a capoeira e religiões de matriz africana, compreendendo os processos históricos de desumanização e deturpação do sagrado em diferentes culturas. Tais reflexões ampliaram o entendimento da diversidade religiosa e a possibilidade de convivência respeitosa com as diferentes expressões de fé e cultura.

Imagem 1: Turma da CCCG no semestre verão de 2025.



Imagem 2: Experimentação dos estudantes com instrumentação



Durante o TC, os(as) estudantes aplicaram seus planos de aula nas escolas das comunidades de origem. As atividades realizadas incluíram rodas de capoeira, apresentações de samba de roda, experimentações com instrumentos e reflexões sobre corporeidade e ancestralidade.

A recepção das escolas foi positiva, gerando interesse entre professores e alunos da educação básica. Algumas dificuldades foram relatadas, como limitações de espaço físico e falta de compreensão da gestão sobre o valor pedagógico das práticas corporais afro-brasileiras. Ainda assim, os(as) estudantes relataram sentimento de protagonismo, pertencimento e valorização de suas próprias culturas. Tais resultado corroboram para a ideia de que “Inserir a capoeira na escola significa legitimar saberes populares historicamente marginalizados, criando oportunidades de diálogo intercultural e de práticas pedagógicas inovadoras. ” Toledo (1997, p. 45).

Conclusão

A experiência da CCCG "Capoeira, samba de roda e corporeidade" demonstrou a importância de se incorporar manifestações culturais afro-brasileiras na formação docente, especialmente em cursos voltados às populações do campo.

Ao articular teoria e prática, texto e corpo, reflexão e vivência, a disciplina proporcionou aos futuros(as) professores(as) não apenas o conhecimento das

diretrizes legais, mas também ferramentas concretas para sua aplicação em contextos reais. A abordagem corporal revelou-se especialmente potente para o enfrentamento do racismo, o fortalecimento das identidades e a valorização dos saberes de matriz afro-indígena. A alternância entre universidade e comunidade mostrou-se fundamental para promover uma formação enraizada nos territórios, respeitando a diversidade dos sujeitos da Educação do Campo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 2004.

MUNANGA, K. A diversidade étnico-racial como desafio para a educação brasileira. Revista Brasileira de Educação, v. 18, n. 52, p. 209-230, 2013.

SILVA, C. E. L. S. Capoeira: A Brazilian Art Form, History, and Practice. Berkeley: North Atlantic Books, 2014.

TOLEDO, L. R. V. A Capoeira na Escola: reflexões sobre cultura popular, cidadania e educação. Campinas: Papirus, 1997.

VIEIRA, L. R. Capoeira e educação: a educação pelas lutas tradicionais afro-brasileiras e a Lei 10.639/2003. Educação em Revista, v. 26, n. 2, p. 189-204, 2010.